



Universidade Estadual de Campinas – Unicamp
CS106 – Métodos e Técnicas de Pesquisa e Desenvolvimento
de Produtos em Midialogia

Discente: Andréa Costa Xavier RA: 166427

Docente: Prof. Dr. José Armando Valente



Adaptações Cinematográficas de Obras Literárias: Desaprovação do público e da crítica

Resumo

A adaptação cinematográfica é o processo através do qual uma obra literária tem seus elementos transpostos para uma narrativa fílmica. Em geral, são recebidas desfavoravelmente pela crítica e pelo público que já tenha lido os livros-fonte, pois não compreendem que o termo adaptação por si só já nos remete a uma alteração da obra original, afinal tanto o cinema quanto a literatura têm meios próprios de representação. O artigo, baseado em uma estudo de campo quantitativo e qualitativo feito com 49 alunos dos dois primeiros anos do curso de midialogia da Unicamp compreendeu que eles tentem a receber positivamente os filmes adaptados de livros que leram, embora não entendam a adaptação como uma relação entre diferentes signos.

Palavras-chave: Adaptação; fidelidade; cinema e literatura; midialogia.

Introdução

Como leitora ávida e discente do curso de Midialogia na Unicamp, que se relaciona com a produção cinematográfica, sempre tive curiosidade em assistir a adaptações fílmicas, analisar a maneira como foram produzidas e pesquisar como a crítica e o público as receberam. As críticas e comentários negativos costumam enfatizar que as versões cinematográficas de livros são, fundamentalmente, traições aos seus originais literários; que elas não passam de interpretações ou releituras parciais feitas pelos diretores, frequentemente repletas de omissões ou simplificações de trechos ou personagens das obras literárias. Apesar disso, contudo, muito se tem debatido sobre a real possibilidade de se adaptar um texto literário para um meio eminentemente audiovisual como o cinema, afinal são meios que pertencem a campos diferentes.

O que tem levado o cinema à literatura não é a impressão de que é possível apanhar uma certa coisa que está num livro - uma história, um diálogo, uma cena - e inseri-la num filme, mas, ao contrário, uma quase certeza de que tal operação é impossível. (AVELLAR, 1994, p.124).

É necessário tanto para o midiólogo, como futuro produtor de mídias suscetíveis a adaptações, quanto para o expectador compreender que o termo “adaptação” por si só já nos remete a uma alteração da obra original, afinal o texto literário é escrito num determinado período, influenciado por uma série de referências e por um momento histórico delimitado, do mesmo modo que a adaptação fílmica dessa obra. Além disso, também as formas de cada um são diferentes, com meios próprios de representação que contribuem para compreender a adaptação como uma relação entre diferentes signos:

A ideia de adaptação procura acrescentar a noção de resignificação: isto é, na medida em que um filme adaptado é uma recriação de outro texto (ou textos), ele também resignifica sua fonte em um novo meio, um novo contexto, um novo código de representação e, antes de tudo, uma nova atitude discursiva. (BARRETO; FREIRE, 2007, p.04)

Sendo assim, qual é o nível de satisfação dos meus colegas estudantes do curso de midialogia na Unicamp quanto às adaptações de livros que leram? Eles compreendem como essa definição do termo ‘adaptação’ influencia na produção desse modelo de filme e quais são suas impressões acerca das adaptações já existentes? Por meio desse artigo, proponho como objetivo responder a essas questões para compreender melhor a visão que os estudantes dessa área têm acerca das adaptações cinematográficas.

Metodologia

A pesquisa desenvolvida foi um estudo de campo de caráter descritivo e quantitativo. O primeiro passo a ser realizado em seu desenvolvimento foi buscar na internet e em bases de acervos de bibliotecas online sobre os processos e as críticas às adaptações cinematográficas de obras literárias a fim de adquirir maior conhecimento e embasamento teórico para a elaboração da pesquisa. Levantei referências sobre o estudo em questão. Baseando-me nas informações adquiridas e nos objetivos traçados, elaborei um questionário com três perguntas de formato múltipla escolha e uma no formato aberto, para coletar o máximo de dados possíveis acerca da opinião da população pesquisada sobre essa espécie de filme e como eles mesmos o fariam de forma a conseguirem maior aceitação.

Em seguida, calculei uma amostragem de cada grupo dessa população (alunos do curso de Midialogia da Unicamp que ingressaram nos anos de 2015 e 2016), que me permitiu uma observação simples dos dados coletados, levando em conta que fiz um estudo de campo quantitativo e qualitativo. Utilizei a fórmula para o cálculo de amostras para populações finitas (GIL, 1999), na qual considerei: o nível de confiança de aproximadamente 95% ($2\text{desvios}=2^2$), a percentagem (p) de indivíduos, que já assistiram uma adaptação cinematográfica de um livro que já leram, igual a 90%, a percentagem complementar (q) de 10%, e o erro máximo (e) de 5% para ambos os grupos, calculados separadamente. Assim obtive uma amostra de 24 alunos ingressantes no ano de 2015 e 25 alunos ingressantes no ano de 2016.

Considerando os resultados desses cálculos, a princípio apliquei meu questionário a uma amostra de dois alunos de cada uma das turmas pertencentes à população analisada. Depois de fazer uma pequena alteração que se mostrou necessária após o teste (solicitar que o pesquisado assinasse com nome e turma para que eu pudesse fazer o controle de quais pessoas já haviam respondido a minha pesquisa) apliquei pessoalmente o questionário aos indivíduos previstos pelo cálculo descrito anteriormente. Os 49 alunos se encontravam entre 17 e 24 anos.

Em seguida, organizei e analisei criticamente os dados obtidos e pude perceber que havia uma falha na terceira questão, o que não foi percebido no teste do questionário. Uma parcela da população teve dúvidas se responderia a ela levando em conta uma adaptação específica ou generalizando todas aquelas as quais o pesquisado leu o livro que serviu como texto-fonte. Esse desliz influenciou os resultados obtidos, reduzindo sua precisão.

Após tais observações, criei gráficos (utilizando o programa online Create A Graph) para organizar os dados e facilitar a compreensão do leitor através desses recursos visuais. Levando em conta as informações obtidas na bibliografia, analisei criticamente os dados e formulei interpretações e conclusões sobre eles. Finalmente, foi elaborado o artigo científico acerca do tema de acordo com a metodologia proposta.

Resultados e discussões

Como foi dito anteriormente, o questionário foi aplicado a 49 alunos dos dois primeiros anos da graduação em midialogia da Unicamp, sendo 25 do primeiro ano (ingressados em 2016) e 24 do segundo ano (ingressados em 2015). A pergunta inicial (Você já assistiu alguma adaptação cinematográfica de um livro que leu?) demonstra que todos os questionados, de ambas as turmas estudadas, já assistiram algum filme inspirando em um livro que leram antes ou depois de conhecerem o filme. Com essa unanimidade na primeira questão, percebemos a importância desse estudo, já que adaptações cinematográficas de obras literárias tem se tornado um produto cada vez mais consumido por diferentes populações. Já tendo um público conquistado, a produção atrai as pessoas ao cinema para verem como ficou a “tradução” das linhas de determinado livro em imagens. Além disso, esses produtos apresentam funções variáveis de acordo com o contexto histórico e social em que estão inseridos.

Como a adaptação serve para o cinema? Que condições existem no estilo fílmico e na cultura cinematográfica para garantir ou exigir o uso de protótipos literários? Embora o volume de adaptações possa ser calculado como relativamente constante na história do cinema, sua função particular em cada momento está longe de ser constante. (NAREMORE, 2000, p. 35).

A segunda pergunta tinha como objetivo saber, de forma geral, qual é o nível de satisfação dos questionados em relação a essas adaptações. As respostas dos alunos do primeiro ano estão demonstradas a seguir:

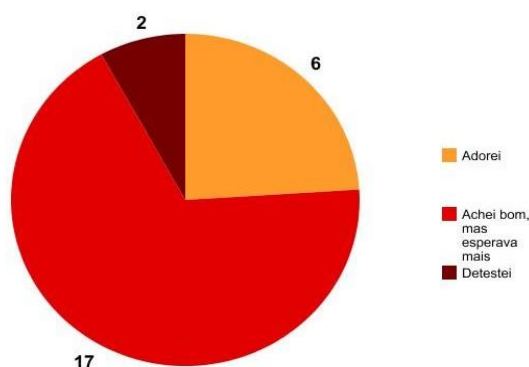


Gráfico 1 Respostas dos alunos do primeiro ano para a pergunta "Em geral, qual foi o seu nível de satisfação com essa(s) obra(s)?".

Como se observa no Gráfico 1, o nível de satisfação dos alunos do primeiro ano do curso de midialogia tende a ser positivo, mesmo que não totalmente satisfatório. Entre os 25 alunos questionados, seis (6) responderam que adoraram as adaptações cinematográficas dos livros que leram; dezessete (17) responderam que acharam boas, mas esperavam mais; enquanto que somente duas pessoas detestaram essas adaptações. Esse resultado vai de encontro com o que eu pressupus anteriormente, pois esperava um nível de desaprovação muito superior, partindo do fato de que as críticas cinematográficas tem demonstrado negativistas acerca das adaptações literárias para o cinema ao longo dos anos.

O Gráfico 2 mostra as respostas dos alunos do segundo ano do curso de midialogia para a mesma pergunta.

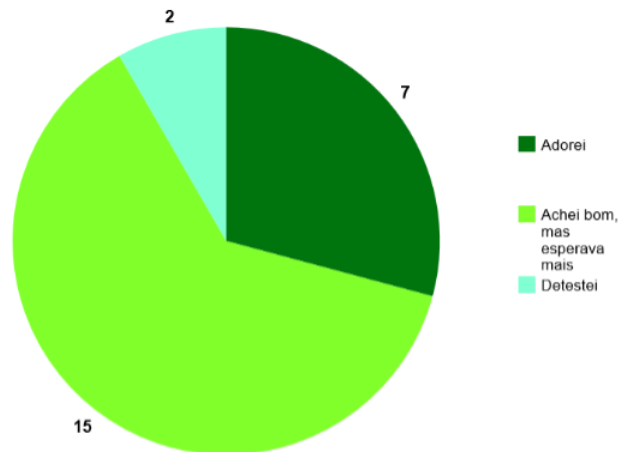


Gráfico2 Respostas dos alunos do segundo ano para a pergunta "Em geral, qual foi o seu nível de satisfação com essa(s) obra(s)?".

Como se observa no Gráfico 2, o nível de satisfação dos alunos do segundo ano do curso de midialogia segue o mesmo padrão daquele apresentado pelos alunos do primeiro ano. Dentre os 24 questionados, sete (7) responderam que adoraram as adaptações cinematográficas dos livros que leram; quinze (15) responderam que acharam boas, mas esperavam mais; enquanto que somente duas pessoas detestaram essas adaptações. Essa repetição de padrões pode demonstrar que não há muita diferença entre as duas turmas estudadas, já que a faixa etária dessa população é estreita e todos os envolvidos se encontram na mesma região e em situação socioeconômica similar, ou seja, estão inseridos na mesma situação história e social o que influencia diretamente na maneira como consomem cinema e literatura.

Mesmo seguindo o mesmo padrão, as diferentes respostas dadas (“adorei”, “achei bom, mas esperava algo melhor” e “detestei”) podem indicar que o nível de satisfação do expectador depende de vários motivos que serão discutidos futuramente nesse artigo, como:

- Se o expectador reconhece ou não a definição de “adaptação” como alteração para adequação em outro veículo (no caso, do livro para o cinema);
- Se o expectador considera ou não a fidelidade ao livro como ponto crucial (o que nos leva a analisar como esse expectador interpretou o livro e se essa interpretação é similar ou não àquela feita pelo roteirista e pelo diretor do filme);
- Se o nível de satisfação do expectador ou influenciado pela trama em si, ou por questões estruturais do filme como atuações, efeitos especiais e direção.

Para iniciar a análise desses motivos, a terceira pergunta do questionário apresentava alternativas que continham alguns dos elogios e reclamações mais comuns acerca das adaptações cinematográficas e que foram divididas em duas categorias (“Gostei porque...” e “Não gostei porque..”), sendo que o aluno poderia assinalar quantas alternativas desejasse em qualquer uma das categorias.

Há, no entanto, um erro decisivo nessa questão, pois não foi especificado quantos e quais filmes o aluno levaria em conta para respondê-la. Considerando que cada adaptação tem um nível diferente de aprovação, como indica Robert Stam (2005, p. 03) “(a) algumas adaptações realmente falham em ‘realizar’ o que mais apreciamos nos romances fontes; (b) algumas adaptações são , em verdade, melhores que outras; e (c) algumas adaptações perdem ao menos alguns dos aspectos salientes de suas fontes”. Portanto as respostas assinaladas na questão três do questionário não proporcionaram uma análise precisa do conteúdo. Ainda

assim, iniciamos a análise desta com o Gráfico 3 que contem as respostas dos alunos ingressados em 2016 para a primeira categoria:

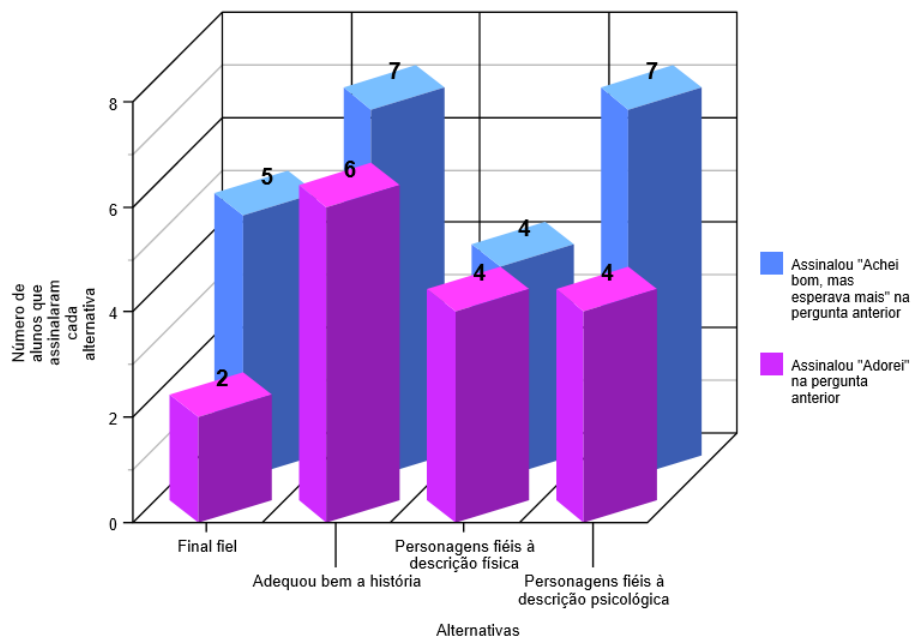


Gráfico 3 Respostas dos alunos do primeiro ano à pergunta "Quais foram os motivos para tal nível de aprovação ou desaprovação?" na categoria "gostei porque...".

Como está indicado no Gráfico 3, dos 25 alunos do primeiro ano que responderam o questionário, sete (7) responderam que tiveram nível de satisfação alto ou médio sobre a adaptação cinematográfica do livro que leram porque o final do filme era fiel ao final do livro (sendo que, desses 7, 2 assinalaram “adorei” e 5 assinalaram “Achei bom, mas esperava mais” na pergunta anterior); treze (13) aprovaram o filme porque consideraram que este adequou bem a história do livro para o formato cinematográfico (desses 13, 7 esperavam mais da adaptação que viram, enquanto 6 a adoraram, de acordo com a segunda questão); oito (8) responderam que se satisfizeram com o filme porque os personagens deste foram fiéis à descrição física presente no livro (sendo que 4 adoraram o filme, e 4 esperavam mais dele); e onze (11) alunos assinalaram que gostaram do filme porque a personalidade apresentada pelos personagens deste condiz com o que foi apresentado no livro (sendo que 4 adoraram o filme por isso e 7 esperavam mais dele).

Analisando essas respostas temos que a maior parcela dos alunos do primeiro ano, mesmo que não tenham em mente que uma adaptação cinematográfica, por definição, não pode ser fiel a um livro, compreendem a boa adequação da história como ponto crucial para a aprovação do filme adaptado. Além disso, o Gráfico 3 demonstra boa parte dos questionados considera que a caracterização tanto física quando psicológica dos personagens tem que ser fiel ao apresentado no livro para que esse filme seja aprovado pelo público. Em última análise a esse gráfico destaco que o fato de a adaptação cinematográfica ter um final igual ao livro que a inspira não foi considerado como característica importante para dezoito (18) dos alunos questionados, o que vai de encontro, mais uma vez, com o que eu esperava, pois um final diferenciado para a adaptação muitas vezes é fonte de reclamação por parte dos fãs das obras literárias que as deram origem.

O Gráfico 4 demonstra as respostas dos alunos ingressados em 2016 para a segunda categoria (‘não gostei porque...’) da terceira pergunta do questionário:

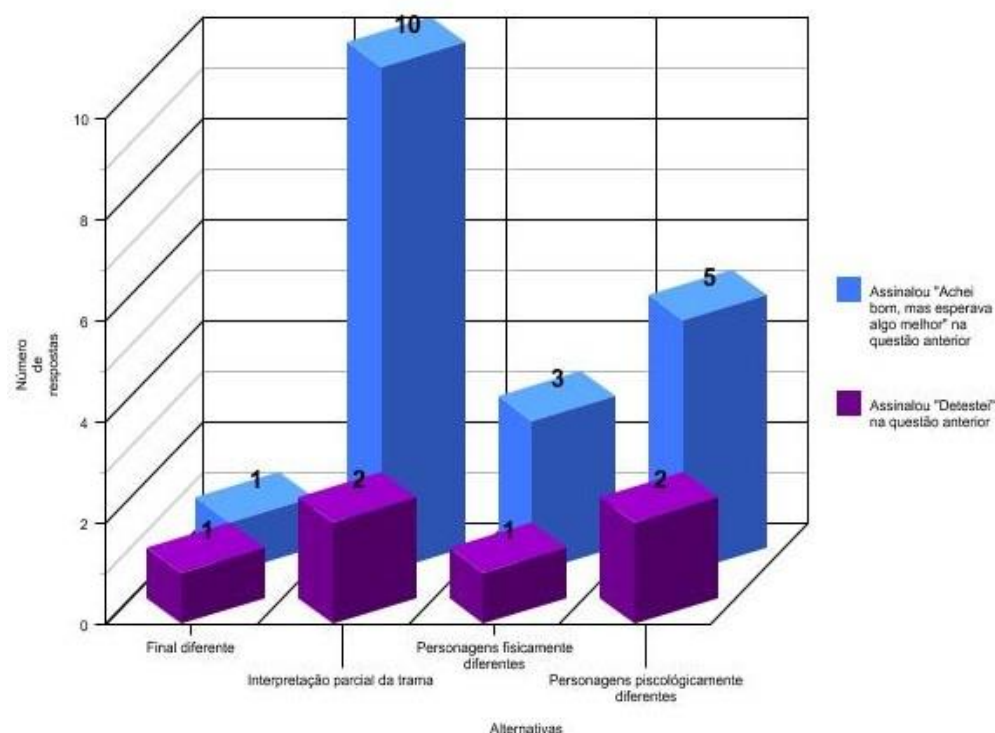


Gráfico 4 Respostas dos alunos do primeiro ano à pergunta "Quais foram os motivos para tal nível de aprovação ou desaprovação?" na categoria "não gostei porque..."

Como está indicado no Gráfico 4, dos 25 alunos do primeiro ano que responderam o questionário, dois (2) responderam que tiveram nível de satisfação médio ou baixo sobre a adaptação cinematográfica do livro que leram porque o final do filme era diferente daquele presente no livro (sendo que, um deles assinalou “detestei” e o outro assinalou “Achei bom, mas esperava mais” na pergunta anterior); doze (12) desaprovaram o filme porque consideraram que este demonstrou uma interpretação parcial da trama apresentada no livro (desses 12, 10 acharam o filme bom apesar disso enquanto que 2 o detestaram, de acordo com a segunda questão); quatro (4) responderam que não se satisfizeram com o filme porque os personagens deste não foram fiéis à descrição física presente no livro (sendo que 3 desses 4 responderam “achei bom, mas esperava mais” enquanto 1 respondeu “detestei” na pergunta anterior); e sete (7) alunos assinalaram que não gostaram do filme porque a personalidade apresentada pelos personagens deste não condiz com o que foi apresentado no livro (sendo que 5 gostaram do filme mesmo assim e 2 o detestaram).

Analisando esses dados temos que para os alunos que ingressaram no curso de midialogia em 2016, a interpretação parcial da trama apresentada no livro é o principal motivo para desaprovação de uma adaptação cinematográfica. Porém, essa questão é relativa, pois cada um interpreta uma arte, seja literária ou não, de forma diferenciada já que a significação que damos para cada informação depende do contexto histórico e sociocultural em que estamos inseridos. Além disso, a interpretação também varia de acordo com a obtenção ou não de um conhecimento prévio acerca das obras referenciadas tanto no filme quanto no livro, pois ambos são frutos de uma sucessão de produtos já criados.

Em termos históricos e genéricos, tanto o romance quanto o filme constantemente canibalizaram gêneros e mídias anteriores. O romance começou orquestrando uma diversidade polifônica de materiais – ficções cortesãs, literatura de viagem, alegoria religiosa, coleções de piadas – em uma nova forma narrativa, repetidamente pilhando ou anexando artes vizinhas, criando novos híbridos como romance poético, romance dramático, romance epistolar e assim por diante. O cinema, consequentemente, trouxe essa canibalização ao seu paroxismo (STAM, 2005, p. 06-07).

Comparando o Gráfico 3 com o Gráfico 4, percebemos eles se confirmam ao passo que, tanto a má caracterização dos personagens nas adaptações que viram em relação aos livros quanto a diferença entre os finais do livro e do filme foram apontados como motivos para desaprovação deste.

O Gráfico 5 inicia a análise das respostas da turma ingressada em 2015 no curso de midialogia para a primeira categoria (“Gostei porque...”) da terceira pergunta do questionário:

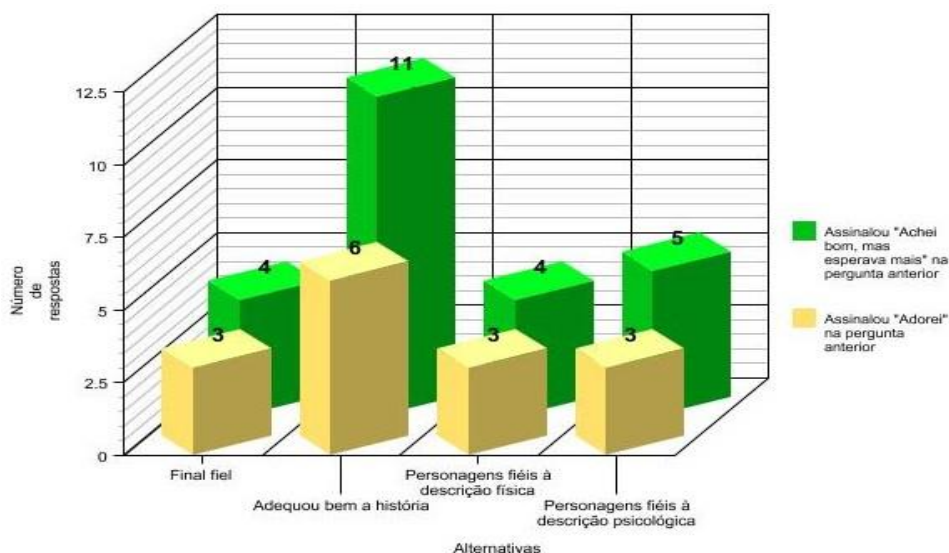


Gráfico 5 Respostas dos alunos do segundo ano à pergunta "Quais foram os motivos para tal nível de aprovação ou desaprovação?" na categoria "gostei porque...".

Como está indicado no Gráfico 5, dos 24 alunos do segundo ano que responderam o questionário, sete (7) responderam que tiveram nível de satisfação alto ou médio sobre a adaptação cinematográfica do livro que leram porque o final do filme era fiel ao final do livro (sendo que, desses 7, 3 assinalaram “adorei” e 4 assinalaram “Achei bom, mas esperava mais” na pergunta anterior); treze (17) aprovaram o filme porque consideraram que este adequou bem a história do livro para o formato cinematográfico (desses 17, 11 esperavam mais da adaptação que viram, enquanto 6 a adoraram, de acordo com a segunda questão); sete (7) responderam que se satisfizeram com o filme porque os personagens deste foram fiéis à descrição física presente no livro (sendo que 3 adoraram o filme, e 4 esperavam mais dele); e oito (8) alunos assinalaram que gostaram do filme porque a personalidade apresentada pelos personagens deste condiz com o que foi apresentado no livro (sendo que 3 adoraram o filme por isso e 5 esperavam mais dele).

Analisando esse gráfico e comparando-o com o gráfico 3, temos que, assim como os alunos do primeiro ano, a maior parcela dos alunos do segundo ano consideram a adequação da história e a fidelidade da caracterização tanto física quanto psicológica dos personagens ao apresentado no livro como ponto crucial para a aprovação da adaptação cinematográfica. Além disso, o gráfico 5 comprova que nem todos consideram a fidelidade entre os finais do filme e do livro como uma característica muito importante para a aprovação da adaptação. Conclui-se que mais uma vez as respostas entre as duas turmas estudadas foram similares.

O Gráfico 6 demonstra as respostas dos alunos ingressados em 2015 para a segunda categoria (“não gostei porque...”) da terceira pergunta do questionário:

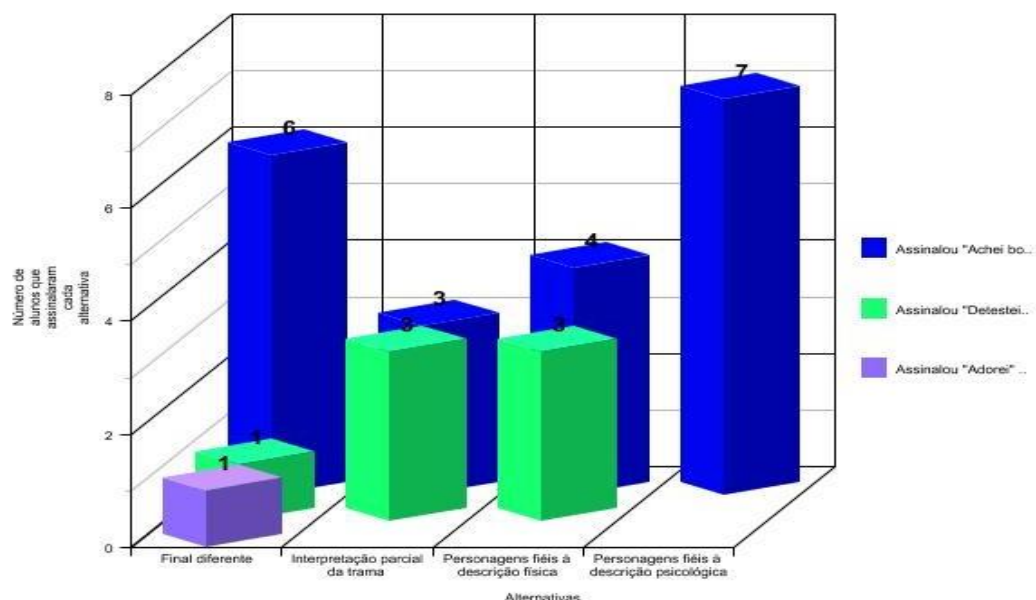


Gráfico 6 Respostas dos alunos do segundo ano à pergunta "Quais foram os motivos para tal nível de aprovação ou desaprovação?" na categoria "não gostei porque..."

Como está indicado no Gráfico 6, dos 24 alunos do segundo ano que responderam o questionário, oito (8) responderam que tiveram nível de satisfação médio ou baixo sobre a adaptação cinematográfica do livro que leram porque o final do filme era diferente daquele presente no livro (sendo que, um deles assinalou “detestei”, 6 assinalaram “Achei bom, mas esperava mais” e 1 assinalou “adorei” na pergunta anterior); seis (6) desaprovaram o filme porque consideraram que este demonstrou uma interpretação parcial da trama apresentada no livro (desses, 6 acharam o filme bom apesar disso enquanto que 6 o detestaram, de acordo com a segunda questão); sete (7) responderam que não se satisfizeram com o filme porque os personagens deste não foram fiéis à descrição física presente no livro (sendo que 4 responderam “achei bom, mas esperava mais” enquanto 3 responderam “detestei” na pergunta anterior); e sete (7) alunos assinalaram que não gostaram do filme porque a personalidade apresentada pelos personagens deste não condiz com o que foi apresentado no livro (todos eles acharam o filme bom mesmo assim).

A análise desses dados demonstra uma diferença entre as respostas dos alunos do primeiro ano e do segundo ano nessa categoria, pois os alunos ingressados em 2015 consideram mais decisivo para a desaprovação de uma adaptação o fato de o final ser diferente daquele presente no livro-fonte, enquanto aqueles que ingressaram em 2016 não deram muita importância para esse detalhe. Além disso, um aluno do segundo ano adorou a adaptação que viu mesmo esta apresentando um final diferente do livro, e, portanto reconhece que uma adaptação é passível de variações na trama e que isso pode ser uma vantagem e não um defeito, como muitos ainda consideram.

Outro detalhe a ser destacado é o fato de que dentre os alunos do segundo ano, ninguém que detestou a adaptação considerada assinalou a variação psicológica dos personagens como um problema. Como essa questão contém um erro de precisão, isso pode significar tanto que as adaptações assistidas pelos alunos do segundo ano não têm nenhuma variação de personalidade se comparadas com os livros que as inspiraram, quanto que essa turma não considera essa alteração como um problema crucial.

Por fim, o Gráfico 7 demonstra as respostas de ambas às turmas estudadas para a quarta e última pergunta do questionário. Esta questão era de caráter aberto, e as respostas foram categorizadas de acordo com a presença ou não dos conceitos de “adaptação” e

“fidelidade” como pontos principais na produção de uma adaptação literária para qualquer meio audiovisual:

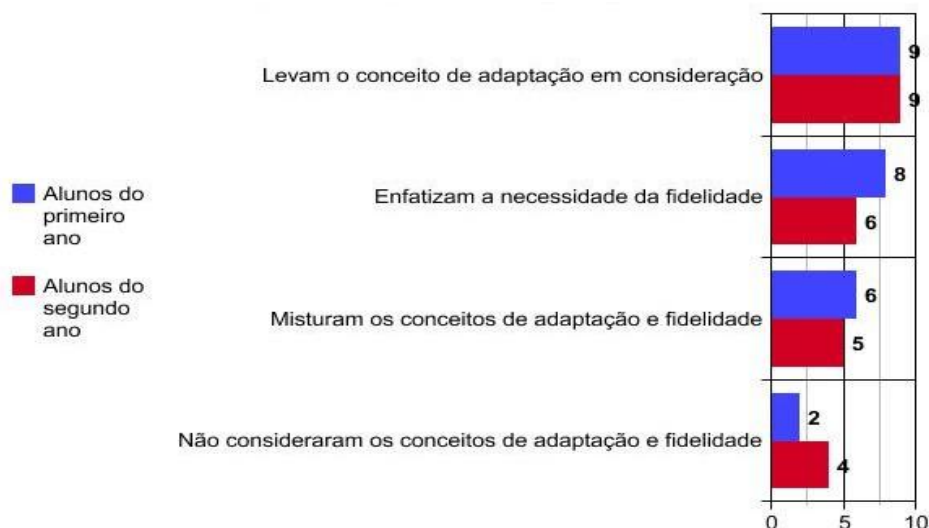


Gráfico 7 Respostas dos alunos do primeiro e do segundo ano para a pergunta: “Se você decidisse adaptar uma obra literária para qualquer mídia audiovisual, como faria para ter maior aprovação do público?”.

De acordo com o Gráfico 7, do total de 49 alunos que responderam o questionário, dezoito (18) utilizam corretamente do conceito de adaptação ao planejar a produção de uma obra audiovisual desse tipo, embora a maioria insista que a preferia a fidelidade mesmo sabendo que muitas vezes ela não é possível (sendo 9 do primeiro ano e 9 do segundo); quatorze (14) deles enfatizam a necessidade de se manter fiel ao livro-fonte, sem levar em conta que são necessárias alterações para se adequar a outro veículo (sendo 8 do primeiro ano e 6 do segundo); onze (11) misturam os conceitos de adaptação e fidelidade em suas respostas, não levando em conta que são duas definições opostas (sendo 6 do primeiro ano e 5 do segundo); e seis (6) alunos nem sequer citaram os conceitos de adaptação e fidelidade em suas respostas, considerando somente a caracterização dos personagens e o investimento questões técnicas do audiovisual - elenco, efeitos especiais, direção - como elementos importantes para produzir uma boa adaptação (sendo 2 do primeiro ano e 4 do segundo).

Nota-se que não há muita diferença entre as respostas dos alunos ingressados em 2015 e 2016, provavelmente porque ambas as turmas se encontram no início da graduação no curso de midialogia, portanto ainda não têm muita experiência em produções audiovisuais profissionais. Destaco também que a questão da fidelidade ainda permanece como mais importante para os estudantes de midialogia, mesmo quando demonstram reconhecer as limitações de uma adaptação, o que não é propriamente um erro porque, segundo Stam, a noção de fidelidade contém uma parcela de verdade:

Quando dizemos que uma adaptação foi “infidel” ao original, a própria violência do termo expressa a grande decepção que sentimos quando uma adaptação fílmica não consegue captar aquilo que entendemos ser a narrativa, temática e características estéticas fundamentais encontradas em sua fonte literária. (STAM, 2005, p.20)

Os resultados apresentados pelo Gráfico 7 contrariam o que eu esperava, pois concluem que os estudantes dos dois primeiros anos de midialogia, mesmo que futuramente trabalhem em produções cinematográficas ou em outras mídias suscetíveis à adaptações, não compreendem que o termo adaptação por si só já nos remete a uma alteração da obra original, afinal o texto literário é escrito num determinado período, influenciado por uma série de referências e por um momento histórico delimitado, do mesmo modo que a adaptação fílmica dessa obra. Além disso, também as formas de cada um são diferentes, com meios próprios de

representação que contribuem para compreender a adaptação como uma relação entre diferentes signos.

Considerações finais

Chegado ao final deste artigo, posso dizer que o mesmo cumpriu com a sua função em analisar como meus colegas estudantes do curso de midialogia na Unicamp, ingressados em 2015 e em 2106, recebem as adaptações cinematográficas de livros que leram e se eles compreendem como a definição do termo ‘adaptação’ influencia na produção desse modelo de filme e impossibilita a total fidelidade deste com a literatura que lhe inspirou.

A passagem de um meio unicamente verbal como o romance para um meio multifacetado como o filme, que pode jogar não somente com palavras (escritas e faladas), mas ainda com música, efeitos sonoros e imagens fotográficas animadas, explica a pouca probabilidade de uma fidelidade literal, que eu sugeriria qualificar até mesmo indesejável. (STAM, 2005, p.20)

Concluo que boa parte da população estudada recebe de forma positiva as adaptações dos livros que leram, embora percebam certos detalhes que consideram como prejudiciais ao filme, como infidelidade às descrições físicas e psicológicas dos personagens presentes no livro-fonte ou interpretação superficial da trama. Dessa forma, mesmo que uma parcela considerável desses alunos (ainda não todos) assuma que uma adaptação implica automaticamente em alteração na obra original, a grande maioria ainda considera a fidelidade como principal característica a ser levada em conta para atingir o sucesso nessas produções.

Portanto, mesmo que muitos estudos atuais acerca das adaptações literárias concluam que as análises desse tipo de produção cinematográfica devem ser feitas levando em conta somente o campo do cinema e não o da literatura, boa parte do público - inclusive aquele que estuda as produções audiovisuais e anseia trabalhar com isso futuramente - ainda não compreende ou não aceita essa diferenciação.

(...) a insistência na “fidelidade” da adaptação cinematográfica à obra literária originária. Essa atitude resulta em julgamentos superficiais que frequentemente valorizam a obra literária sobre a adaptação, e o mais das vezes sem uma reflexão mais profunda. (JOHNSON, 2003, p.04).

Assim, acredito que a questão das adaptações e como produzi-las com perfeição é um tópico que deve ser estudado com ainda mais frequência no futuro, não só por mim, mas também por todos os midiólogos, tomando cuidado para não cometer os mesmos erros que cometi nesse estudo, e com o intuito de reverter essas análises superficiais recorrentes sobre o tema, além de melhorar esse tipo de produção cinematográfica e a aceitação por elas recebida pela crítica. Ademais, o público também precisa ter acesso a esses estudos, para compreenderem que diferentes produtos (como cinema e literatura) devem ser consumidos independentemente.

Referências

AVELLAR, José Carlos. **O Chão da palavra:** cinema e literatura no Brasil. São Paulo: Câmara Brasileira do livro, 1994. 124 p.

BARRETO, Marcel Vieira Silva; FREIRE, Rafael de Luna. Sobre uma sociologia da adaptação fílmica: um ensaio de método. **Revista Crítica Cultural**, Florianópolis, v.2, n. 2, jul./dez. 2007.

Create a Graph (<http://nces.ed.gov/nceskids/CreateAGraph/>). Acesso em: 29/04/2016

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1999. 200 p.

JONHSON, Randal. **Literatura e cinema, diálogo e recriação: o caso de Vidas Secas**. São Paulo: Editora Senac, 2003. 04p.

NAREMORE, James (org.) **Film adaptation**. New Brunswick (USA): Rutgers University Press, 2000

STAM, Robert. **A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação**. Malden (USA): Blackwell Publishing, 2005. 511 p.